

MAURO OLIVEIRA**Brasil quer criar modelo próprio de TV digital**

"Estamos prontos para competir no mercado internacional com tecnologia de telecomunicação. Vamos nos empenhar para deixarmos de ser compradores para nos tornar exportadores do padrão de televisão digital". A promessa é do novo secretário de telecomunicações, do Ministério das Comunicações, Mauro Oliveira, 49 anos. Cearense, ex-diretor do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet), assumiu a secretaria há dois meses, tendo como principal compromisso adotar um padrão de televisão digital, até março de 2005. Ele adianta que até lá, a prioridade será dada para as universidades e centros tecnológicos brasileiros apresentarem um padrão, que possa concorrer com o norte-americano, europeu e japonês. Para tanto, serão investidos cerca de R\$ 65 milhões. A idéia é que a televisão digital facilite o acesso à Internet. Com Pós-Doutorado em Telecomunicações pelo King's College (Londres-Inglaterra) e Doutorado em Informática pela Université de Paris VI (Pierre et Marie Curie), Mauro Oliveira promete associar o projeto da televisão digital à produção cultural do País

Marcus Peixoto
da editoria de Reportagem

Diário do Nordeste - Quais são as metas da secretaria para as políticas de telecomunicações no País?

Mauro Oliveira - Chegamos à secretaria num momento em que está tudo para acontecer. Se for politicamente mal conduzida poderá se tornar um fracasso, uma frustração nacional. Essa secretaria se baseia em três diretorias. A primeira é de Ciência e Tecnologia, cujo carro-chefe é a TV digital. A segunda é ligada a um fundo de R\$ 3 bilhões, que é um dinheiro que vem das empresas de telecomunicações. A terceira tem como carro-chefe o GSAC, que consta de 3.200 pontos de satélites espalhados pelo País todo. Só no Ceará é o terceiro maior Estado em nível desse acesso.

— Quando o Brasil vai investir em tecnologia e deixar de ser um mero importador?

Mauro Oliveira- Estamos querendo que as universidades e os centros de pesquisas tenham competência para criarmos aqui um modelo de televisão digital e, se possível, exportar para a América Latina, a África e todo país que tenha problema com a televisão digital. Por orientação de nosso ministro, estamos empenhados na valorização da inteligência nacional e podemos deixar de pagar royalties lá fora. Isto é, se tivermos de pagar royalties, que seja para as nossas universidades ou os nossos centros de pesquisa e cortar esse cordão umbilical.

— Como o governo está se empenhando para ter uma tecnologia própria no caso da televisão digital?

Mauro Oliveira- Quando o governo investe R\$ 65 milhões na televisão digital está provocando a inteligência nacional a competir em tecnologia. Mesmo que nossos técnicos e cientistas concluam que a adoção de um padrão internacional é o mais indicado para nós. Isso porque está ajudando essa inteligência nacional a deter mais elementos para a negociação. Uma coisa é você comprar tecnologia sendo ignorante e, outra, adquirir tecnologia tendo conhecimento de causa.

— Como se dará o processo de implantação da televisão digital?

Mauro Oliveira- Existem três comitês que já estão atuando. Mas vou me restringir ao grupo gestor. Ele tem as seguintes estratégias. Possui R\$ 65 milhões, sendo que R\$ 15 milhões são compulsórios e R\$ 50 milhões já estão sendo licitados junto a 80 instituições brasileiras sem fins lucrativos e que se cadastraram. Nós temos o resultado desse cadastramento e o Ceará conta com quatro instituições podendo serem feitos consórcios. A Finep está à frente dessa licitação. Nossa expectativa é que, no dia 10 de março de 2005, tenhamos não apenas a televisão digital, mas o novo padrão da televisão digital brasileira.

— Que modelo de televisão digital poderá ser adotado pelo Brasil?

Mauro Oliveira- Podemos ter um modelo próprio e esse se transformar num orgulho nacional. Existem três padrões internacionais (americano, europeu e japonês) e que no governo passado um dos três seria o escolhido. No atual governo, agregou-se a esse modelo não apenas uma escolha, mas um chamamento à academia para dizer que o novo governo gostaria de que mais um padrão de inclusão digital seria privilegiada nesse processo.

— O que muda com relação à inclusão digital?

Mauro Oliveira- Isso muda tudo. Porque em vez de se pagar por uma simples escolha de padrão, vamos dar a chance da participação da inteligência nacional e de não se pagar royalties. Isso quebra vários paradigmas e por isso estamos entusiasmados com a idéia de termos um modelo brasileiro de televisão digital. Além de ter a alta definição nas residências, permitirá a inclusão digital, ou seja, o acesso à Internet.

— Haverá também uma mudança no conteúdo da produção digital?

Mauro Oliveira- Naturalmente que faremos uma rede revolucionária do ponto de vista do conteúdo. Pois poderíamos ter várias comunidades indígenas, agrupamentos comunitários, produzindo qualquer coisa no seu nicho intelectual e isso ser difundido como a Internet já faz. O ministro **[Gilberto]** Gil já manteve contato com o nosso ministro Eunício **[Oliveira]** por conta dessa idéia. O projeto é muito interessante no sentido da produção cultural poder ser associada à televisão digital. Nesse governo, a televisão digital não é apenas colocar computador na ponta, como se pensava no passado. Nesse governo, a inclusão digital é muito mais ampla.

— Qual é a verba destinada hoje para o Ministério? É verdade que chega a ser inferior do que recebe o programa Calha Norte?

Mauro Oliveira- Eu não sei. Mas para mim isso não é relevante. Com certeza o Ministério tem o seu orçamento e é muito complexo, porque além do verba que é exclusiva daquele ministério, existem também os projetos agregados. Só o GSAC e CPqD (que dispõe de R\$ 157 milhões), mas você pode dizer que o orçamento da Fundação CPqD Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações não pode ser considerado como orçamento do Ministério das Comunicações? Eu diria que não. O nosso grande desafio é R\$ 50 milhões?, R\$ 60 milhões? Eu diria o seguinte: Existem R\$ 3 bilhões que a sociedade está precisando que sejam utilizados no melhor serviço de comunicação do País.

— Como esse dinheiro deve ser melhor aplicado na sua opinião?

Mauro Oliveira- Esses R\$ 3 bilhões que estão esperando para ser utilizado, é um dinheiro que vem das empresas de telecomunicações e está

na nossa conta. Há uma esperança nacional para o uso desse fundo. Existe, hoje, o Sistema de Comunicação Digital (SCD) que vai ser o novo serviço de telefonia fixa e móvel onde na oferta desse serviço haverá a presença da tecnologia nacional. A idéia é promover o acesso à Internet, mas chegar a toda uma tecnologia para permitir a verdadeira democracia da informação que não é somente a Internet.

— O Ceará terá algum tratamento especial nas políticas de comunicações?

Mauro Oliveira- O Ministério tem uma responsabilidade nacional. Exatamente por isso necessita ter uma visão de que esse País jamais será uma grande potência se continuar a centralizar recursos. Você tem hoje três Brasis. O Brasil São Paulo, o Centro-Sul e o Nordeste. Então, independente do ministro ser cearense e nordestino, é uma orientação de governo que precisamos descentralizar os recursos para a Ciência e Tecnologia nesse País, sob pena de você ter vários brasis.

— Quais seriam as prioridades para o Ceará?

Mauro Oliveira-Atualmente, temos várias localidades com mais de 500 habitantes e não possuem um telefone, o que é inconstitucional. É preciso lembrar que as reguladoras foram criadas com esses fins. Um deles é o de quando houver um lugar com mais de 500 habitantes deve existir, pelo menos, um aparelho de telefone público. Portanto, estamos empenhados em combater essa imagem de um País injusto e de alta concentração de renda.

—Haverá alguma alteração nas concessões de empresas de telecomunicações?

Mauro Oliveira- Os contratos terminam em 2006. Estamos já contratando uma consultoria que está nos ajudando com as novas questões. A polêmica é com relação ao lado do consumidor que quer pagar menos e quer um melhor serviço, que é natural. Há também a Anatel com a missão de fazer com que isso se torne cada vez mais verdadeiro. E, do outro lado, você tem também as empresas que têm que sobreviver no mercado. O ministro tem dito que devemos honrar contratos. Nós achamos isso importante como estratégia nacional.

— Isso passaria pela manutenção do pagamento do valor da assinatura na telefonia fixa?

Mauro Oliveira-Sim. Imagine você, que de uma hora para outra, acabe-se com o pagamento da assinatura no telefone fixo. Podemos dizer que isso seria bom para o consumidor, a exemplo do que já acontece na telefonia móvel. Também achamos perfeitamente simpático que o consumidor queira tarifas menores. Mas é preciso haver uma ação de governo madura que de um lado não quebre contratos, porque é algo perigoso.